ALFREDO MOREIRA PINTO

C A M P I N A S

IMPRESSÕES DE VIAGEM

RIO DE JANEIRO

Companhia Tipográfica do Brasil

Rua dos Inválidos, 93

1 8 9 8

Ao digno Intendente da

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS

JOAQUIM ULISSES SARMENTO

Oferece

O Autor

UMA VIAGEM PELA PAULISTA

C A M P I N A S

De Jundiaí tomei a estrada de ferro Paulista, que tem comêço nessa cidade e dirigi-me para Campinas.

Com a bitola de 1,60 m, a estrada passa pelas estações de Santana, Corrupira, Louveira (de onde parte a estrada de ferro Itatibense), Rocinha, com algumas casas, Valinhos, bem habitada e com uma igreja, Samambaia e Campinas.

Quando desembarquei na elegante estação da Paulista senti logo que penetrava em uma grande cidade, de muita vida e enorme movimento comercial.

Não enganei-me na minha previsão.

É Campinas uma grande cidade e talvez a segunda do Estado de S. Paulo. Chamam-lhe, e com razão, Princesa do Oeste.

Fica situada a NO da capital do Estado, na base de uma colina muito suave, sôbre terreno que forma uma bacia que vai se alteando para os lados, apresentando à vista a forma circular, circundada pelos bairros de Guanabara, Bonfim, Ponte Preta, Campinas Velha e Taquaral. Vista à distância, tem o aspecto de um anfiteatro. É atravessada pelos corregos do Tanquinho e do Serafim, que reúnem-se no bairro de Guanabara formando o Anhumas.

Suas ruas, em número de 51, são pela maior parte bastante extensas, retas, pouco largas, em ladeira, extremamente asseadas, muitas calçadas a paralelepipedos, outras a macadame, e com passeios cimentados. São mais importantes as Barão de Jaguará, Andrade Neves, Francisco Glicério, Treze de Maio, Dr. Campos Sales, Ferreira Penteado, Regente Feijó, General Osório e Dr. Quirino.

Tem magníficos prédios, luxuosos e de construção moderna, sobressaindo entre tantos o do Barão de A-

taliba Nogueira, o do Barão de Anhumas, o de d. Maria Brandini, onde funciona a Intendência, o do Barão de Ibitinga, o de Estanislau Penteado e o do Barão de Itapura.

Inclusive os bairros Fundão, Guanabara, Bonfim, Botafogo e Taquaral, a cidade conta 4050 prédios.

É servida por um sistema de canalização de água e de esgotos perfeitissimo, não deixando nada a desejar; e por diversas linhas de bondes que vão da estação para o Gasômetro, Jardim Público, Aquidaban, Liceu, Hipódromo e Botafogo.

As ruas são iluminadas por 1.060 combustores de gás carbonico, medeando entre um e outro uma distância de 25 a 30 metros, o que dá à cidade um aspecto feérico à noite, ainda que seja algum tanto dispendiosa a iluminação.

Tem belos e espaçosos largos, entre os quais os denominados:

Visconde de Indaiatuba atravessado pelas ruas Barão de Jaguará, General Osório e Francisco Glicério. Nele tem comêço a rua Dr. Campos Sales.

Possui a igreja do Rosário, os bonitos prédios da Notre Dame de Paris, da Casa Colombo e dos srs. Silva Guimarães e Comendador José Pereira de Andrade.

No seu centro ergue-se um elegante e bem tratado jardim, todo cercado por grossos varões de ferro, tendo um bonito e artístico repuxo rodeado por quatro grandes lampeões com três braços cada um. É percorrido por bondes.

José Bonifácio, arborizado e percorrido por bondes. São transversais ou nele começam as ruas Francisco Glicério, Regente Feijó, Conceição, Dr. Costa Aguiar e Treze de Maio.

Nele ficam a Matriz nova e os belos prédios do Sr. Estanislau Ferreira, Camargo Andrade e dos herdeiros de Carlos Egidio de Sousa Aranha, onde hospedou-se o finado Imperador em outubro de 1886.

Bento Quirino, de forma angular, percorrido por bondes. É arborizado, tendo no meio um chafariz e um pavilhão. Nele fica a Matriz velha. Aí levantou-se o pelourinho e edificou-se a cadeia, que foi demolida há poucos anos.

Na casa fundada por Bento Quirino dos Santos há uma placa de mármore com os seguintes dizeres, em relêvo: - Gratidão eterna do povo campineiro à casa Santos, Irmão & Nogueira pelos relevantes e inolvidáveis serviços a ele prestados durante a epidemia de 1889.

Carlos Gomes, em uma baixada, tendo planta das casuarinas e palmeiras reais. Aí ficam o Mercado e o Desinfetório.

Riachuelo, em lugar elevado, com a igreja de São Benedito, o Grupo Escolar Jorge Tibiriçá e o Circulo Italiani Uniti.

Imprensa Fluminense, à cavaleiro da cidade, do lado de leste. Tem o jardim público, bem tratado, com uma bonita gruta, a torre Eiffel e quatro pavilhões, sendo um destinado a coreto para a música.

15 de Novembro, no bairro de Santa Cruz, todo plantado de flamboiãs. Nele fica a capela de Santa Cruz.

Pará, ao lado da rua Barão de Jaguará com o prédio do Barão de Anhumas.

Floriano Peixoto ao lado da estação da estrada de ferro Paulista, com o belo prédio do sr. Roque de Marco e o estabelecimento de máquinas para a lavoura de Lidgerwood.

Nele começam ou tem seu termo, a larga rua Andrade Neves e a muito concorrida rua Treze de Maio.

Além desses largos, possui mais a cidade os

de Luís de Camões, com o hospital da Beneficência Portuguesa; da Cadeia com o belo edifício da cadeia; Teatro, com o teatro S. Carlos; Ramos de Azevedo, Correia de Mello e Liberdade.

Os edifícios públicos da cidade são:

CÂMARA MUNICIPAL

Funciona na rua Barão de Jaguará, em um bonito prédio alugado, onde estão todas as repartições municipais e onde dão audiências os juizes de Direito.

Na sala de sessões acham-se os retratos do Marechal Floriano, Dr. Bernardino de Campos, Dr. Antonio Álvares Lobo, primeiro intendente depois da proclamação da República, e José Paulino Nogueira, presidente da Câmara por ocasião da epidemia de 1889.

CADEIA

Edifício moderno e de muito gosto e perfeitamente situado.

Compõe-se de três corpos: o central, saliente, com três janelas de sacada, no segundo pavimento e a porta de entrada e duas janelas gradeadas de ferro no primeiro e duas laterais, reintrantes, com uma janela em cada pavimento.

No pavimento térreo está alojada a cadeia e no superior funciona o júri.

Interiormente o edifício é bem dividido sendo vastas as salas, sobressaindo entre estas a do júri, cujo teto é todo de madeira.

MATRIZ NOVA

A Matriz é um grande templo, cujo exterior não condiz com a magnificência do seu interior. A fachada é de estilo pesado e carece de elegância. Tem a invocação de N. S. da Conceição e foi inaugurada em 8 de dezembro de 1883, tendo sido começada a construir em 1807.

Acha-se situada no largo José Bonifácio, na parte mais central da cidade, ocupando uma área retangular de 2.073 metros quadrados. A enorme mole eleva-se de muito às mais altas construções que a cercam.

O plano térreo da construção é distribuído do seguinte modo: portico de 27,30 ms de comprimento por 3,70 ms de largura dizendo para a grande nave; grande nave longitudinal com 36 ms de comprimento por 13,50 ms de largura e nave transversal com 28 ms de comprimento sobre 8 ms de largura; duas capelas laterais e ao fundo a capela-mór, contando o edifício 12 grandes salas destinadas à sacristia, consistório e outros misteres do culto.

A parte anterior do edifício com fundo de 43,50 ms eleva-se a 21,50 ms acima do solo e comporta dois andares, o primeiro ao nível dos púlpitos, contendo quatro salas, e o segundo oito com janelas-tribunas sobre a grande nave.

O frontespício com 50 ms de altura, em forma de torre assíria, é composta de três corpos sobrepostos e decorado em estilo clássico. O primeiro, de ordem jônica, tem saliente a parte central coroada por um frontão.

Dão ingresso no templo três largas aberturas, e sobre elas reina uma galeria de quadros ornados de arquirelevos em cimento. O segundo corpo, de ordem coríntia, comporta o mostrador de um grande relógio, flanqueado por duas largas janelas em arcada, sendo ocupado por plataformas de passeio o espaço que medeia entre este corpo e os ângulos do edifício. O terceiro corpo assenta em

base quadrada, tendo sôbre a frente uma janela flanqueada por espaçosos passeios. Sôbre este corpo eleva-se a pirâmide de coroamento do edifício,

Toda a construção é de alvenaria de pedra ordinária, sendo de cimento as molduras, os capitéis, ornatos, etc.

O embasamento, o largo adro e a escadaria são de excelente cantaria azul. A decoração interior nos altares e capelas é de rara suntuosidade.

A escultura é profusa e trabalhada com esmero. Todos os relêvos são executados em cedro vermelho cujo tom é admiravelmente realçado pelo fundo branco do mármore.

Nos principais altares a disposição adotada foi a de um peristilo semicircular coroado de ricas cúpulas.

Ornam a nave oito pares de pilastras coríntias com rico entablamento. As abobadas são cilíndricas salvo no cruzamento das naves, onde se eleva um zimbório esférico.

A principal nave, como as capelas, são ornamentadas por magníficos relêvos.

O edifício é banhado de abundante luz por meio de lunetas abertas acima do entablamento geral.

Na grande nave e capelas acham-se dispostas 300 cadeiras genuflexórias estofadas em marroquim preto.

Além do altar-mór, com a imagem de N. S. da Conceição, há mais no corpo da igreja seis altares: do Coração de Jesús, do Bom Jesús de Pirapora, de S. Kosé, de Santana e S. Joaquim, de N. S. das Dôres e de N. S. do Carmo; e duas capelas fundas do Sacramento e do Senhor dos Passos.

Este monumento do espírito religioso da população de Campinas foi erguido à custa de donativos particulares e com o produto de um imposto municipal, que, especialmente destinado a esse fim, produziu avultada quantia.

MATRIZ VELHA

A Matriz Velha, sede da paróquia de Santa Cruz, fica no largo Bento Quirino, dando fundos para a rua Barreto Leme, nome do fundador de Campinas.

É um templo modesto no seu interior; sua fachada é baixa e não obedece à ordem alguma de arquitetura. Está, porém, bastante asseado e cuidadosamente tratado pelo distinto vigário Manuel Ribas de Ávila.

Tem na frente cinco janelas, a porta de entrada e duas laterais, que são fingidas. Não tem torres.

Possui o altar-mór com a imagem de N. S. do Carmo, no centro, e S. Sebastião e Santa Rita aos lados. Há nesta parte da igreja três tribunas laterais.

No corpo da igreja, cuja nave é elevada, ficam dois altares acostados ao arco cruzeiro, o do lado da Epístola com a imagem de N. S. das Dôres, e o do lado do Evangelho com a do Coração de Jesus. Há nessa parte dois púlpitos e 14 quadros da via sacra, sendo sete de cada lado.

À esquerda da capela mór fica a capela do Sacramento, com o Senhor Bom Jesus no centro, e São Benedito e São João aos lados.

Na entrada da igreja, em um corredor, há uma bonita capela com uma rica imagem de N. S. dos Remédios com o Menino Jesus junto aos seios, e em frente a sacristia.

Na parte superior deste corredor existe um outro altar com um quadro, representando N. S. do Bom Conselho.

IGREJA DO ROSÁRIO

É um templo velho, sem gosto artístico e

carecendo de sérios concertos.

Tem cinco janelas e três portas na frente. Não tem torres.

Tem, além do altar-mór com a imagem de N. S. do Rosário, mais dois altares, um com S. Manuel e outro com a imagem de N. S. do Têrço e a capela do Sacramento.

Fica situada no largo Visconde de Indaiatuna e em frente à um bonito jardim.

IGREJA DE S. BENEDITO

É um templo velho, pequeno e já estragado pelo tempo.

Tem uma janela grande, acima da porta da entrada, e mais duas menores aos lados. Tem três altares.

À respeito dessa igreja refere a tradição o seguinte: o africano Tito, há mais de 30 anos que foi escravo da viúva do capitão-mór Floriano de Camargo e Andrade, tentou levantar uma capela em louvor do santo de sua devoção, S. Benedito. Havia próximo à antiga estrada de Itatiba e ao bairro de Campinas Velha um terreno em parte ocupado por um cemitério e em parte por um pequeno edifício conhecido por jazigo do cônego Melchior, que fôra construído pelo cônego da Sé de S. Paulo, padre Melchior Fernandes Nunes de Camargo, para nele serem sepultados ele e seus parentes mais próximos, e aqueles que em número limitado, tivessem quem pela sepultura pagasse ao pároco uma dobla, que deveria ser aplicada à esmola de missas por alma dos cativos. Isto deu a idéia de ser a-quele local escolhido para a nova capela.

Requerendo à Câmara Municipal, concedeu e-la mais algum terreno anexo.

Mestre Tito, abonado por atestados da Câmara solicitou e obteve Provisão, autorizando-o a levar à e feito a projetada construção.

IGREJA DE SANTA CRUZ

Pobre, modesto e antigo templo. Sua frente reconstruída há pouco tempo, tem decente aspecto. Possui três janelas, três portas e dois nichos sem imagens. Tem um só altar com uma grande cruz no centro e aos lados N. S. da Conceição, S. João, S. Manuel e S. Sebastião.

IGREJA PRESBITERIANA

Austero e silencioso templo situado à rua General Carneiro. No triangulo da sua fachada lê-se 1878.

INSTITUIÇÕES PIAS

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

Esta humanitária instituição, dirigida pelas irmãs de S. José, situada em lugar elevado, à cavaleiro da cidade, no meio de vasto terreno e entre as ruas Padre Vieira, Barreto Leme, Irmã Serafina e Antonio Cesarino

Compõe-se de quatro corpos, dois reintran-tes e dois salientes, tendo uma capela no centro. No lado esquerdo fica o Asilo das Orfãs e do lado direito o hospital.

Este está perfeitamente montado; possui cinco enfermarias, sendo duas para homens (uma de cirurgia e outra de medicina), uma para mulheres e uma para crianças, além de um pavilhão de isolamento. Tem uma boa farmacia e uma sala de operações com todos os instrumentos cirúrgicos.

Todas as enfermarias tem 100 leitos.

O hospital foi inaugurado há 15 de agosto

de 1876 e apresentou de 1 de junho de 1897 a 31 de maio de 1898 um movimento de 745 enfermos, sendo pobres 694 e pensionistas 51.

O Governo Estadual concorre para o hospital com a quantia de 40:000\$000.

A parte destinada para o Asilo de Orfãs e onde funciona um externato, mantido pela Santa Casa, tem no pavimento inferior, além do refeitório, espaçossas salas para aulas das meninas externas e uma outra para as orfãs, e no pavimento superior a rouparia e os dormitórios.

O Asilo conta entre asiladas e externas o número avultado de 470 meninas. Foi fundado a 15 de agosto de 1890 e para sua manutenção concorrem os cofres estaduais com a quantia de 18:000\$ anualmente.

Na frente do edifício, no pavimento superior, fica a sala das sessões da Irmandade, com os retratos do bispo do Ceará, de Antonio Francisco Guimarães (o Baía), do Barão de Monte Mór, do Barão de Atibáia, de Diogo B. dos Santos Prado, de d. Maria F. de Abreu Soares, de José Egidio de Sousa Aranha, de José Fernandes, de Vitorino Pinto Nunes, de Francisco Bueno de Lacerda, de Bento Quirino dos Santos, do Visconde de S. Valentim (médico) e do dr. Francisco Pereira Lima.

Guardo a melhor impressão da visita que fiz a esse Asilo. Além da boa ordem e extraordinário asseio que notei em suas dependências, observei que as orfãs estavam bem vestidas, bem nutridas e mostravam-se alegres e satisfeitas.

A capela da Boa Morte, construída às expensas do finado Barão de Monte Mor, lavrador do Município, é um bonito templo. Tem na fachada as estátuas da Fé, da Esperança e da Caridade.

A capela mór tem na parte superior duas cúpulas, contíguas uma à outra. Possui um altar todo de mármore, tendo no centro um painel, representando N.S. da

Assunção, e aos lados o Coração de Jesus, N. S. das Dôres, S. Pedro, S. José, S. Roque e S. Joaquim. Há ainda uma urna com a imagem de N. S. da Boa Morte.

O corpo da igreja apresenta a nave abobadada. Tem duas galerias e duas tribunas corridas, amparadas por quatro colunas. Não possui altares, tendo apenas no arco-cruzeiro as estátuas de S. Vicente de Paulo e Santa Isabel.

Em frente à capela e no meio de um grande pátio fica o busto do fundador cercado por um gradil de ferro. No pedestal, em que descansa o busto lê-se: "Em homenagem ao Exmo. Revmo. Sr. D. Joaquim José Vieira, bispo do Ceará e fundador do Hospital e Asilo de Órfãos da Santa Casa da Misericórdia de Campinas oferece o povo agradecido. 1883".

HOSPITAL DE ISOLAMENTO

Fica situado no Fundão, a uns 500 metros do cemitério. Compõe-se de três grandes pavilhões de madeira, onde se acham alojadas a casa do médico, do zelador, a farmácia e a estufa de desinfecção. Está todo murado e tem o seu serviço especial de água e esgotos.

HOSPITAL DE MORFÉTICOS

Acha-se situado a um quilometro da cidade no lugar denominado Piçarrão, na contravertente de um dos morros, que formam a bacia em que está situada a cidade e próximo ao matadouro. Ocupa um prédio, sem gosto, mas com acomodações necessárias.

Tem uma capela com a imagem de S. Lázaro e 26 enfermos.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA

A Sociedade Portuguesa de Beneficência, fundada em 20 de julho de 1873, fica situada no largo Luís de Camões, ao lado do belo prédio do sr. Antonio Correia Barbosa e dando fundos para a cadeia.

Compõe-se de três corpos: um central, baixo, e dois laterais mais elevados. No primeiro há dez janelas e a porta de entrada, tendo acima as armas portuguesas e um relógio; nos segundos seis janelas em cada um dos dois pavimentos, sendo três de grades de ferro. No pavimento inferior ficam a capela, com um altar de S. Francisco Xavier; a sala das sessões com oito retratos, entre os quais o do sr. Francisco Gonçalves Ferreira Novo, iniciador da Associação; a biblioteca, o refeitório, a sala de operações, a farmácia, a cozinha e quatro salas de doentes.

Na parte superior dos corpos laterais há duas grandes salas em cada um.

Em uma casa separada, nos fundos do hospital, fica a enfermaria para os epidemicos.

Do lado esquerdo do edifício ficam três banheiros, uma sala de duchas e um bom necrotério com mesa, chão e escada, tudo de mármore.

Precede o edifício um bem cultivado jardim.

Abre o livro dos visitantes dessa casa pia a assinatura de D. Pedro II.

Além desses edifícios possui mais a cidade um hospital de variolosos, situado em lugar elevado e sobre um morro despido de vegetação, e as seguintes associações: Artística e Beneficente, Beneficente dos Empregados da Companhia Mogiana, que funciona no edifício da mesma Companhia e conta mais de mil sócios, e a Sociedade S. Vicente de Paulo constituída por uns quarenta sócios e destinada a socorrer os pobres, dando-lhes alimento, vestuário

rio, médico e botica, e fazendo-lhes o entêrro; está dividida em duas secções, funcionando uma na paróquia de Santa Cruz e outra na paróquia da Conceição, reunindo-se os associados nos consistórios das duas igrejas semanalmente; e duas lojas maçônicas, das quais a mais antiga, a Loja Independência, situada à rua Dr. Campos Sales e fundada em 1867.

INSTITUIÇÕES DE ENSINO

GINÁSIO

Ocupa um grande prédio todo construído de tijolos, tendo na frente um jardim e aos lados e aos fundos um vasto terreno todo plantado. Fica no bairro de Botafogo, à rua Culto à Ciência.

Compõe-se de um corpo central com sete janelas no segundo pavimento e seis e a porta de entrada no primeiro; e mais dois alpendres laterais, um destinado às aulas de física e química e outro a exercícios de esgrima e ginástica.

O interior é constituído, no pavimento inferior por quatro salas de aulas bem montadas e com uma tribuna, de onde preleciona o lente; e no superior pela sala da congregação, gabinete do diretor e secretaria.

Na sala da congregação pendem das paredes os retratos dos Marechais Floriano e Deodoro, drs. Campos Sales, Bernardino de Campos, Antonio Dino Bueno, Mário Bulcão e Prudente de Moraes; e na secretaria os do Visconde de Indaiatuba e Jorge Krug, antigos fundadores do Colégio Culto à Ciência.

As aulas de física e química estão desprovidas de laboratórios, o que é uma lacuna sensível.

Não tem biblioteca.

O pessoal docente é habilitadíssimo.

O Ginásio funciona no prédio do antigo colégio Culto à Ciência, tendo sofrido importantes modificações para adaptá-lo ao fim a que se destina.

Achei o edifício mal situado, distante do centro da cidade, em uma rua estreita e enterrado, pois fica abaixo do nível da rua.

GRUPO ESCOLAR JORGE TIBIRIÇÁ

Está situado no largo do Riachuelo. Ocupa um bonito prédio no meio de um terreno, todo cercado de arame, e não ajardinado. Tem, além do corpo central com seis janelas em cada um dos dois pavimentos, mais dois laterais reentrantes com duas janelas no sobrado e uma porta de entrada no pavimento térreo.

Achei-o excessivamente pequeno.

CIRCOLO ITALIANI UNITI

Está situado no largo do Riachuelo. Ocupa um vistoso prédio assobradado com três janelas de cada lado e um corpo central, onde se vê as armas da Italia e os bustos de Miguel Angelo Buonaroti e de Dante Alighieri.

Tem uma sala de aulas e uma outra de sessões com diversos retratos, entre os quais o de José Garibaldi, rainha Margarida, Humberto e Vitor Emanuel.

LICEU

O Liceu de Artes e Ofícios de N. S. Auxiliadora, foi fundado por D. João B. Correia Néri, bispo do Estado do Espírito Santo e por d. Maria Umbelina Alves Couto e é dirigido pela Sociedade Salesiana. Está situado

tuado no planalto da aprazível colina do Guanabara, no bairro deste nome, de onde se goza de um esplêndido panorama, avistando-se a cidade por inteiro.

O edifício, que é de colossais proporções e sólidamente construído, está ainda por acabar.

A parte já pronta compõe-se do corpo central, um lateral à esquerda com três andares, e um à direita com o pavimento térreo.

O corpo central, de estilo romano, compõe-se, além do pavimento térreo, de mais três andares. No último andar, no frontão, vê-se a imagem de N. S. Auxiliadora, em um nicho, e abaixo um relógio.

Nos corpos laterais há treze janelas em cada um dos treze andares, que são sustentados por vinte e quatro grossas colunas de ferro fundido, pesando cada uma setenta e cinco arrobas.

Dispõe atualmente o Liceu de quatro salas de aulas, de um salão de estudo, que abrange toda a ala do edifício, de dois refeitórios, de dois extensos dormitórios e de quatro oficinas, alfaiataria, sapataria, carpintaria e tipografia.

Tem uma capela provisória com dois altares, de N. S. Auxiliadora e Coração de Jesús, e mais as imagens de Santa Clara e Santo Antonio.

Mantem-se o Liceu com dificuldade e só por um esforço hercúleo e uma rara tenacidade, conseguiu o bispo do Espírito Santo construir o edifício atual, que depois de concluído, será um monumento.

O terreno, sobre que ele assenta, foi doado pelos beneméritos cidadãos Barão Geraldo de Rezende e Francisco Bueno de Miranda.

A pedra fundamental foi lançada a 9 de outubro de 1892.

Além desses estabelecimentos, possui mais a cidade a escola Correia de Melo, noturna e diurna, a escola Ferreira Penteado, diurna, a escola mantida desde 1874 pela Loja Independência, diurna e noturna, e a Sociedade Alemã de Instrução e Leitura.

A Biblioteca Municipal funciona no prédio da escola Correia de Melo e conta 2.620 volumes.

OUTROS EDIFÍCIOS

MERCADO

Fica situado no largo Carlos Gomes. É um pequeno barracão, aberto dos lados, com quatro entradas e um chafariz no centro.

Antigamente estava situado no prédio onde funciona atualmente o Desinfetório.

MATADOURO

Acha-se situado a um quilometro da cidade no lugar denominado Piçarrão.

É um bom edifício.

Compõe-se de dois pavilhões, um destinado a escritório e outro a depósito do material necessário ao serviço. Há, além disso, a secção de matança do gado e outros pavimentos para a salga, depósito de porcos e outros misteres.

A água que serve para a lavagem vem de uma vertente de um morro, que fica junto ao Cortume.

TEATRO S. CARLOS

Fica no largo do Teatro com a frente voltada para os fundos da matriz da Conceição. Tem cinco janelas no segundo pavimento e três portas e duas janelas no primeiro.

Seu interior está bem ornado.

HOSPEDARIA DE IMIGRANTES

É um belo prédio, pertencente ao Governo Estadual.

Está em criminoso abandono.

DESINFETÓRIO CENTRAL

Poucos têm visto internamente o edifício do antigo Mercado Grande, depois das reformas ali executadas para sua adaptação a desinfetório.

Esse próprio municipal foi cedido ao Estado em 1896, sofrendo logo modificações consideráveis, como era de mistér.

As obras realizadas então modificaram-no por completo, dando-lhe certa estética e as necessárias condições higiênicas.

Deve-se isso aos conhecimentos técnicos e à boa vontade da Comissão Sanitária, e ao engenheiro da Câmara o dr. Saturnino de Brito.

Hoje, consta ele de um amplo corpo central, com duas alas dotadas de seis compartimentos cada uma.

O corpo central está dividido em duas seções: uma, onde se acham as estrebarias, com doze baias para os animais do serviço, sempre prontos e arreados; outra que serve de depósito dos carros de médicos, do pessoal inferior e material de transporte de doentes, de condução de cadáveres, de aparelhos locomóveis, etc.

Na ala direita há uma sala para desinfetadores, que nela pernoitam de prontidão, serviço de telefone, depósito de drogas e utensílios.

Na ala esquerda acham-se instalados o escritório, rouparia, banheiro, câmara de gás sulfuroso a que são submetidos os objetos a desinfetar e que não podem sofrer a ação do calor, estufa fixa, carvoeira e gerador de vapor.

A estufa, sistema Herscher, engastada em uma parede de tijolos, que a divide em duas partes, tem duas portas, abrindo cada uma delas para salas especiais, sem nenhum ponto de contáto - a de recepção dos objetos a desinfetar e a dos objetos já desinfetados.

O serviço é dirigido através de um óculo envidraçado.

A estufa está adaptado um secador dispositivo, simples e moderno, que traz uma economia de 17 minutos ganhos em cada desinfecção, pelo menos, para o enxugo das roupas, trabalho em que agora se gasta apenas três ou quatro minutos, ao passo que outróra era feito em vinte minutos.

Cada uma das alas acima descritas conta os bicos de gás precisos, sendo providas de water-closets e mitórios.

O pátio em frente é todo calçado a paralelepípedos, com gradil à volta, tendo um portão em cada extremidade para entrada e saída de veículos.

No centro do mesmo existe um tanque cimentado com água corrente, para bebedouro dos animais.

O pessoal é composto de:

Um encarregado, onze desinfetadores, um foguista, um maquinista e sete cocheiros.

Estão organizadas cinco turmas das quais quatro saem diariamente para o serviço de desinfecção dos aparelhos e instalações sanitárias dos domicílios, ficando a restante para atender a qualquer requisição urgente.

Foram ultimamente aí instalados um incinerador sistema Geueste e Herscher para o fim de destruir os objetos imprestáveis infeccionados e abandonados pelos respectivos donos.

Atendendo às antigas condições higiênicas dessa cidade, reveladas anualmente pela epidemia de febre amarela, desde a hecatombe de 1889, o Governo estadual, em virtude de disposição da Lei nº 432 de 3 de agosto de 1895, sôbre o serviço sanitário, resolveu manter nessa cidade uma Comissão Sanitária, à qual compete: quaisquer providências de natureza agressiva ou defensiva, como as que tenham por fim a instituição de rigorosa vigilância sanitária, serviço hospitalar, isolamento e desinfecção.

Desde agosto de 1896 trabalha aí a Comissão Sanitária do Estado, composta de quatro médicos, sendo atualmente chefiada pelo dr. Teodoro Bayma, médico notável pela aptidão e dedicação ao serviço.

INSTITUTO AGRONÔMICO

A Estação Agronômica de Campinas foi criada em 1887 por ato do Ministério da Agricultura e organizada definitivamente pelo Decreto nº 1.012 de 14 de novembro de 1890.

Atualmente o estabelecimento pertence ao Estado de S. Paulo, ao qual foi transferido pelo Decreto nº 707 de 8 de janeiro de 1892.

Escolhido o local em um campo quase estéril no bairro do Guanabara, construiu-se um edifício próprio rodeado por um terreno com cêrca de 22.000 metros quadrados de superfície.

Em janeiro de 1889 começou a funcionar o laboratório de análises químicas e pouco depois foram inaugurados o serviço meteorológico e as experiências de cultura.

Em abril de 1890, sob a direção do ilustra

do engenheiro dr. Uchôa Cavalcanti, concluiu-se a instalação do campo de experiências e adquiriu-se mais outro terreno, no bairro do Taquaral, para servir de campo de demonstração.

Atualmente compõe-se o Instituto do seguinte: dois laboratórios de análises químicas, onde se estuda toda a sorte de substâncias que interessam à lavoura; um gabinete de patologia vegetal, que serve ao exame das pragas que infestam as plantas cultivadas; um observatório meteorológico dotado de vários instrumentos para o estudo da climatologia e da temperatura do solo; uma pequena biblioteca dotada dos periódicos publicados em vários países estrangeiros sobre a agricultura; um pequeno museu agrícola ainda muito rudimentar; uma vasta estufa envidraçada (10 m x 6 m x 4 m) e vários aparelhos para estudos experimentais de estrumeação (cilindros de Wagner vasos em estaleiro, caixas de Déhérain, etc.); campo de experiências no Guanabara (área de 70.000 metros quadrados), com viveiros, sementeiras, canteiros isolados, etc; aí acham-se estabelecidos atualmente uma numerosa coleção de variedades de cana de açúcar, pequenos cafezais de diversas idades e espécies (Bourbon, Nacional, Amarelo, Maragogipe e outras), profusa coleção de videiras americanas e européias plantadas segundo vários sistemas, canteiros com diversas qualidades de trigo, muitos arbustos ornamentais e plantas florais, algumas gramíneas forrageiras, um pomar com boas árvores frutíferas, caixa d'água colocada bastante alto para que a irrigação de todo o terreno se possa fazer por simples tubos munidos de torneiras, uma pequena coleção de orquídeas nacionais, etc.

Compõe-se mais o Instituto de um depósito de adubos químicos contendo grande variedade de ingredientes de uma estrumeira para aproveitamento das varreduras da cocheira e do jardim, feita segundo os preceitos ditados pela ciência e pela prática; um campo de demonstra -

ção no Taquaral, contendo mais de dois mil cafeeiros de três anos e meio de idade (variedades de Bourbon); um campo de demonstração e posto zootécnico em Santa Elisa, que é um terreno de 121 hectares (50 alqueires) com aguada, pasto, matos, etc., havendo na parte cultivada plantações de cana, café, capim favorito, extenso viveiro com mudas de cafeeiros, etc.

O Instituto tem publicado volumosos relatórios anuais e distribui mensalmente um "Boletim", que relata os trabalhos próprios e divulga conhecimentos úteis à lavoura.

Funciona em um bonito prédio de gosto moderno.

OFICINAS DA COMPANHIA MOGIANA

A Companhia Mogiana dispõe de três bem montadas oficinas, para conservação e reparação de seu material rodante e de tração, separadas umas das outras pela distância de trezentos quilômetros, aproximadamente.

A principal oficina acha-se situada em Campinas, ponto inicial da linha Mogiana. Sem pretensão e sem luxo algum nos edifícios, é no entanto essa, uma das mais completas oficinas que existem no Brasil atualmente; e de tal modo aparelhada que tem construído todos os carros e vagões da Companhia nestes últimos anos, podendo mesmo fazer locomotivas, se não fosse todo estrangeiro o material necessário para esse fim e mais elevados os salários dos operários no Brasil, de maneira a se tornarem nulas as vantagens que pudessem advir desse serviço.

Entretanto existe atualmente em Campinas uma locomotiva que está sendo quase toda construída nessa importante oficina, tendo apenas caldeira e cilindros

vindos da América do Norte.

Segue-se em importância a oficina do Ribeirão Preto, onde também se encontra tudo o que é necessário para os importantes serviços que ali são executados.

Em terceiro lugar vem a oficina de Uberaba, que sendo embora construída com todo o capricho e elegância, é muito menor que as outras, não comportando para conserto, mais de três locomotivas de cada vez.

OFICINA DE CAMPINAS

A oficina de Campinas e suas dependências, ocupa a área de trinta e um mil metros quadrados, dos quais dez mil e novecentos e vinte e seis, são cobertos pelos seus diversos edifícios.

Essa oficina está dividida em duas secções principais, cabendo a conservação, reparação e reforma das locomotivas a uma, e dos carros e vagões a outra.

A fundição, comum às duas secções tem um notável desenvolvimento, quer encarado pela grande massa de ferro e bronze que funde anualmente, quer pelas obras de muito peso e de difícil modelagem e moldagem que produz. Cilindros e rodas de locomotivas, bem como as demais peças das máquinas, carros e vagões, são ali fundidas com toda a perfeição. Dentre as obras mais importantes saídas da fundição, destaca-se, pela sua cuidadosa e artística execução, o monumento comemorativo do 25º aniversário da inauguração dos trabalhos técnicos na linha Mogiana, que já foi largamente descrito nas colunas do "Jornal do Comércio" quando inaugurado.

SECÇÃO DE LOCOMOTIVAS

A primeira secção da oficina de Campinas a

brange quatro subdivisões a saber:

1a. Oficina de Ajustagem - Esta oficina situada ao lado direito do edifício principal das oficinas, ocupa uma área de seiscentos e trinta e oito metros quadrados. Sendo acanhada essa área para o grande movimento atual desta oficina, nota-se um cuidadoso aproveitamento de espaço para localizar todas as máquinas, ferramentas de que hoje dispõe e que são:

- 26 tornos para torneiar metais.
- 3 tornos para torneiar rodas de locomotivas.
- 4 tornos para torneiar rodas de carros e va
gões.
- 1 torno de mesa horizontal.
- 2 plainas de mesa para metais.
- 4 plainas duplas de cabeça para metais.
- 1 plaina vertical.
- 6 máquinas para furar.
- 2 máquinas de tarracha.
- 3 máquinas de esmerilar.
- 1 máquina para quadrantes
- 1 máquina para serrar trilhos de aço.
- 2 máquinas de fresa.
- 1 tesoura com punção.
- 1 prensa hidráulica para eixar rodas.

2a. Oficina de Ferreiros - Junto à oficina de Ajustagem, acha-se perfeitamente montada a oficina de Ferreiros, com uma área de quatrocentos e setenta e três metros quadrados e dispendo de :

- 1 martinete à vapor.
- 2 guindastes pequenos.
- 20 forjas completas.
- 1 forno para temperar molas, etc.
- 1 forno para colocação de aros nas rodas.
- 2 guindastes para colocação de aros nas
rodas.

3a. Oficina de Montagem - Em continuação às duas oficinas já mencionadas, está colocada a oficina de montagem, que ocupa a área de mil e quatrocentos e oitenta e quatro metros quadrados e tem capacidade para comportar dez locomotivas em conserto.

Duas placas rotatórias facilitam a entrada e saída das locomotivas, que se faz sem dificuldade, apesar de ainda não ter um carretão para esse fim.

Essa oficina dispõe de bancadas necessárias para o serviço e de 102 tornos para ajustadores.

4a. Oficina de Caldeireiro - A oficina de Caldeireiros como as demais, está montada de modo a satisfazer completamente todas as exigências do serviço, nessa parte delicada da locomotiva - a caldeira.

Agora mesmo, se acha na oficina, a caldeira de uma locomotiva grande de passageiros, em que foi substituída a fornalha de cobre primitiva por outra de aço (fire box steel) feita toda na mesma oficina, sendo um trabalho importante e perfeitamente bem executado.

Essa oficina dispõe de:

- 1 guindaste para suspender caldeiras.
- 1 possante tesoura com punção.
- 2 máquinas para curvar chapas.
- 1 dita para cortar trilhos a frio.
- 3 desempenos.
- 6 forjas fixas e portáteis.
- 1 prensa hidráulica para experimentar caldeiras à frio.

Adjacentes às oficinas de ajustagem e montagem existe um vasto depósito de locomotivas, com as respectivas valas para limpeza das máquinas, muito ar e muita luz.

Tem esse depósito, a área coberta de mil quinhentos e doze metros quadrados, comportando 22 loco-

motivas folgadoamente.

SECÇÃO DE CARROS E VAGÕES

Como já ficou acima mencionado, a segunda secção, quase que completamente independente da primeira, está aparelhada para a construção do material rodante da Companhia, para o qual já tem contribuído com 94 carros para trens de passageiros e 410 vagões para mercadorias.

Estão também a ser cargo, diversos serviços necessários para as demais repartições da Companhia, bem como a construção de mobília para os escritórios e estações.

Esta secção subdivide-se por sua vez em três partes, sendo:

1a. Serraria e Carpintaria - Incluindo a parte reservada ao conserto e montagem dos carros, ocupa essa oficina a área de mil setecentos e dezesseis metros quadrados e para julgar-se de seu valor mecânico, basta atender para as seguintes máquinas-ferramentas de que dispõe:

- 1 serra vertical para desdobrar toradas.
- 1 serra vertical francesa pequena.
- 3 serras circulares.
- 2 serras de fita.
- 3 máquinas de aplainar madeira.
- 2 máquinas de espigar.
- 2 carpinteiros universais.
- 2 tornos para madeira.
- 2 máquinas para furar madeira.
- 3 máquinas para furar metais.
- 3 máquinas de esmeril para ferramentas e serras
- 1 máquina para abrir dentes em serras.
- 1 máquina de tarracha

1 máquina para tornear bronzes de carros e vagões (6 de cada vez).

2a. Oficina de Ferreiros - A oficina de ferreiros desta secção, como a da primeira, está perfeitamente montada, constando de:

1 martinete à vapor.

8 forjas completas para ferreiros.

1 forno para temperar molas.

1 ventilador para as forjas.

3a. Oficina de pintura - Tem espaço para abrigar nove carros de passageiros, dispendo de uma área de mil setecentos e dez metros quadrados; e acha-se situada aos fundos das oficinas, completamente isolada das mesmas, de modo a evitar o pó, que tanto prejudica os trabalhos de verniz.

Possui essa oficina, dois bons moinhos para tinta e todos os arranjos necessários para os serviços a seu cargo.

Fundição - Comum às duas secções, como já ficou dito anteriormente, está no entanto, à cargo da primeira. A fundição acha-se estabelecida em um edifício especial e destacado do edifício principal das oficinas para o lado direito, tendo a área de quatrocentos e sessenta metros quadrados, exclusive um terreno adjacente em que são depositadas as caixas de fundição, ferramentas, etc. Segundo a maior dimensão do edifício, corre um guincho carretão (traveling crane) para mover os moldes das peças mais importantes e conduzir os grandes baldes de ferro em estado de fusão aos pontos necessários.

Esta parte da oficina cujo desenvolvimento se acentua cada dia, vai ser em breve ampliada de modo a mais facilmente vencer, as sempre crescentes exigências do serviço.

Ao lado da fundição tem os modeladores a

sua oficina, com tudo de que carecem para o respectivo mistér; e em continuação está o arquivo de modelos, onde se a cham estes cuidadosamente separados, arrumados e numerados de modo a serem encontrados com facilidade quando necessá-
rios.

Atualmente a fundição dispõe de:

- 1 forno para fundir ferro (capacidade de 3 toneladas).
- 1 forno para fundir ferro (capacidade de 5 toneladas).
- 2 fornos para fundir bronze.
- 2 fornos para fundir bronze (em montagem).
- 1 ventilador para os fornos.
- 1 "travelling Crane" para 3 toneladas.
- 1 moinho grande para areia.

Quatro motores à vapor situados em partes convenientes, dão movimento a todas as máquinas das oficinas.

A frente das oficinas e em um edifício independente, com a área de cento e oitenta metros quadrados, estão instalados os escritórios da Locomoção e do Almoxari fado e marginando a linha da Companhia Paulista, estão construídos os extensos armazéns do Almoxarifado, oficina e escritório do Telégrafo.

GASÔMETRO

Fica na rua Dr. Quirino canto da do Major Solon.

Possui duas caldeiras que movem os motores fixos e dois motores fixos para puxar o gás para os purificadores, de onde sai para três balões, sendo dois pequenos e um grande. Tem mais cinco fornos com seis retortas, cada um, sete resfriadores, quatro lavadores e dois purificadores. Em uma casinha ficam o relógio, que marca o gás

fabricado, dois governadores de abrir o gás para a iluminação pública, dois reguladores de pressão e um fotômetro para verificar a intensidade da luz. Na frente desta casinha lê-se sôbre uma placa de mármore o seguinte:

COMPANHIA DE GÁS

Gerente - Joaquim Quirino dos Santos

Constructo anno Domini 1875

Tem a Companhia ainda oficinas de ferreiro e outras e um depósito de madeiras.

CAIXA D'ÁGUA

Está situada na Ponte Preta, em lugar elevado. Contém um grande reservatório de distribuição com a capacidade de 3 milhões e duzentos mil litros. A água vem da Rocinha, na distância de 18 quilometros dos rios Igua-temí e Bom Jardim, onde se executaram obras de artes de grande importância sob a direção do Dr. Sales de Oliveira, atual presidente da Companhia Mogiana. O manancial é abundantíssimo, podendo fornecer em 24 horas mais de 20 milhões de litros de água.

ESCRITÓRIO CENTRAL DA MOGIANA

Está situado na rua Visconde do Rio Branco em um belo edificio, posto que algum tanto enterrado, estendendc-se da esquina da rua General Osório até a esquina da do Dr. Campos Sales.

Compõe-se de dois corpos: o pavilhão da esquina da rua General Osório, primitivamente feito, e o prolongamento em frente à rua Visconde do Rio Branco, am-

bos com dois pavimentos.

No pavimento superior estão instaladas as repartições da diretoria e o escritório técnico da via permanente, no inferior funcionam a Inspetoria geral do Tráfego, as repartições do chefe do tráfego, a contabilidade e a pagadoria.

A fachada e o salão nobre da Diretoria são de estilo composito.

Na sala da Diretoria acham-se os retratos do Barão de Ataliba, um dos fundadores da Mogiana, e do Visconde do Parnaíba, seu primeiro presidente e incorporador.

As oficinas, que são monumentais, acham-se situadas em um chapadão junto à estação da Companhia Paulista.

ESTAÇÃO DA COMPANHIA PAULISTA

A primeira estação do Brasil. Ocupa um vasto e vistoso edifício à praça Floriano Peixoto.

Compõe-se do edifício principal encimado por uma torre com um relógio e três mostradores.

Dispõe de uma comprida e larga plataforma para embarque e desembarque de passageiros, funcionando na parte superior a administração do tráfego e o telégrafo. Tem um excelente restaurante.

Dispõe mais de quatro armazens, para a baldeação da Mogiana, para exportação, para importação e para inflamáveis.

Possui ainda uma vasta rotunda para guardar as máquinas, além de uma casa para depósito de carros e máquinas

É iluminada à luz elétrica.

CEMITÉRIO

A morada dos mortos fica no Fundão, a uns 5,5 km do centro da cidade. Entra-se para ela por uma rua margeada de bambús, que balouçando as hastes, agitadas pelo vento, produzem um farfalhar triste e melancólico.

Dentre tantas sepulturas e ricos mausoléus que possui destacaremos os seguintes:

A de Maria, filha do dr. Salvador Penteado; a de Maria, filha de Alfredo Francisco de Andrade; a de João Antonio Bierrembach; a de Francisco Gomes Pinto; a de Joaquim Bueno; a da família Sousa Aranha; a do dr. Ricardo Gumbleton Daunt, sôbre a qual lê-se: A gratidão do povo ao apóstolo da ciência, ao cidadão exemplar, ao cristão sem medo e sem mancha, erigiu este monumento de perpétua saudade; as capelas da família Ferreira Penteado, onde repousa Carlos Gomes; a do Barão de Atibáia; a de José Paulino Nogueira e a de Bento Quirino dos Santos.

Um túmulo despertou minha atenção pela originalidade do mausoléu que ostenta, e que consiste em um obelisco de granito e mármore. É o túmulo de John James Ross e José Sims.

NOTÍCIA HISTÓRICA

Foi em seu princípio um pouso onde paravam os intrépidos paulistas, quando acometiam os invios confins de Minas e Goiás.

Com o transcorrer dos tempos alguns taubateanos estabeleceram-se em torno do bosque chamado Mato Grosso e formaram um núcleo, cuja origem remonta ao ano de 1739, sendo o terreno para logradouro dos moradores do ado por Francisco Barreto Leme.

Aumentando a população sentiu-se necessidade de uma capela, pois a matriz mais próxima era a de Jundiá. Neste sentido requereram licença, que lhes foi concedida pelo bispo D. Fr. Manuel da Ressurreição para a fatura de uma capela interina, enquanto se concluía me

lhor templo. Ereta a capela foi nomeado pároco Fr. Antonio de Pádua, religioso da Ordem dos Menores de S. Francisco, que benzeu a modesta ermida, passando a celebrar nela a primeira missa à 17 de julho 1773.

Instalada a freguesia de N. S. da Conceição de Campinas, tratou o povo de agenciar os meios de erguer um templo melhor e, à custa de esmolas, foi concluída em 1781 a matriz, que substituiu a capelinha provisória.

A 25 de julho Fr. José do Monte Carmelo e Siqueira, que então era o pároco, benzeu-a e a 26 fez trasladar a imagem da padroeira para ela, celebrando na mesma ocasião a primeira missa.

Rápido foi o progresso da povoação; de todos os pontos, ainda os mais remotos de S. Paulo, foram afluindo imigrantes que aumentaram-lhe a população.

Em 1797, sendo governador e capitão-general de S. Paulo Antonio Manuel de Melo e Castro Mendonça, foi Campinas, por provisão de 4 e Ordem de 16 de novembro, graduada com os fôros de villa, mas com a denominação de S. Carlos, em honra de D. Carlota Joaquina, esposa de D. João VI, tendo lugar a instalação a 14 de dezembro. (1)

Em 1842 foi elevada à cidade pela Lei Provincial nº 5 de 5 de fevereiro que restituiu-lhe a primitiva denominação de Campinas.

Sua paróquia foi pela Lei Provincial Nº85 de 18 de abril de 1870, dividida em duas: a do lado do Norte teve a denominação de paróquia de Santa Cruz e por sede a Matriz velha, e a do Sul, paróquia N. S. da Conceição e por sede a Matriz nova.

Foi criada Comarca pela Lei Provincial nº 11 de 17 de julho de 1852. Augusto de Saint Hilaire em sua "Voyage dans le provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine", diz:

Campinas, deve sua origem à fabricação de

açúcar. Durante muito tempo acreditou-se que as terras pretas dos arredores de Itú eram, de toda essa parte da província as únicas próprias para a cultura de cana; entretanto, apesar desse preconceito, algumas pessoas experimentaram em 1770, plantar essa gramínea nos terrenos de um roxo pronunciado, que dependem do atual termo de Campinas; o sucesso coroou o seu trabalho, sendo desde logo seu exemplo seguido por outros lavradores.

"Construiu-se, sob a invocação de N. S. da Conceição uma igreja, cuja primeira missa foi celebrada em 1776; um arraial se formou e foi Campinas; logo a igreja da Conceição tornou-se paroquial; enfim em 1797 o capitão-general Antonio Manuel de Melo Castro Mendonça erigiu em vila e em cabeça de termo, com o nome de S. Carlos, a nova povoação, que até então pertencia ao termo de Jundiaí. Em uma extensão de cerca de sete léguas, o termo de Campinas compreendia em 1819, cerca de 6.000 indivíduos e em 1838 contava-se 6.689 habitantes, além de 3.917 escravos... É de toda a província de São Paulo o termo que mais açúcar produz."

LIMITES

O município confina com os de Santa Barbara, Limeira, Jundiaí, Itatiba, Mogi Mirim, Amparo e Pedreiras.

ASPECTO

O território é pouco montanhoso, conquanto irregular; os acidentes do terreno são frequentes, mas pouco sensíveis.

Extensas plantações de café cobrem o solo; não obstante, ainda há matas virgens, se bem que afastadas do centro populoso.

Possui o município excelentes campos para pastagens.

MORROS E RIOS

Não há serras nem morros dignos de menção. Os que existem não têm denominação especial, achando-se cobertos de lindos cafezais.

Regam o território diversos rios entre os quais o Atibaia, o Jaguari, o Capivari-Mirim, o Cabras, o Anhumas, o Quilombo e o Pinheiros.

O Atibaia forma com o Jaguari, o Piracicaba. Recebe o Salgado, Anhumas, Cabras, Fundo, Lajeado, Folha Larga, Maracanã, Caçú, Índios, Capela, Juliaõ, Laranja Azêda, Domingues, Toledo, Três Encruzilhadas, Amaral, Cachoeiras e Pedras. É de leito pedregoso; tem o curso erigado de pedras e rochas que embarçam a navegação. Caudaloso nas enchentes, é entretanto transposto a vau no tempo sêco em diversos pontes.

Em seu curso no município de Campinas tem os saltos denominados Salto Grande e Saltinho nas divisas com a Limeira. Forma-se de dois galhos principais: o Cachoeira e o Atibainha, ambos descendo das imediações do morro Selado, a Leste do morro do Lopo, separados por um alto espigão intercorrente e se reúnem 8 quilômetros da cidade de Atibaia e em frente da ponta Norte da serra Itapetinga.

O Jaguari nasce em Minas Gerais ao Sul da serra do Campo, corre na direção do norte-sul no Estado de S. Paulo, reúne-se ao Camanducaia para depois com o Atibaia, formar o rio Piracicaba afluente do Tietê. É atravessado pela estrada de ferro Mogiana. Recebe, entre muitos outros, o Morais, o Jacareí, o Anhumas e o Canivete.

CLIMA

O clima é geral ameno, mas o da cidade é irregular e menos salubre pela sua colocação. Fora da cidade, porém, o ar é puro e agradável.

Ultimamente tem sido flagelada pela febre amarela.

LAVOURA

O principal produto da lavoura é o café, cuja exportação anual é calculada em mais de um milhão e meio de arrobas: a cana de açúcar e cereais são cultivados em menos escala.

Os principais fazendeiros do município que colhem mais de dez mil arrobas são: D. Ana de Arruda Camargo Andrade, Arthur Furtado de Albuquerque Cavalcanti, Antonio Américo de Camargo Andrade, Arthur Leite de Barros, D. Ana Joaquina do Prado Aranha, Baronesa da Limeira, Baronesa de Anhumas, Bicudo & Branco, Bueno e Barbosa, Dr. Carlos Norberto de Sousa Aranha, Carlos Ferreira & Irmão, Candido Alvaro & Irmão, Companhia Rural do Brasil, Domingos Leite Penteado, Estanislau Ferreira de Camargo Andrade, Elói Pompeu de Camargo, Francisco da Rocha Leite Penteado, D. Isulina Barbosa Aranha, José Francisco Aranha, José Egidio de Queirós Aranha, Joaquim Aranha & Irmão, Joaquim Egidio de Sousa Aranha, Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, Luís de Campos Sales, D. Maria Augusta de Mendonça Doque, Manoel de Moraes, Queirós & Aranha, Sousa Camargo & Penteado, Viúva Coutinho & Filhos, Viúva Pompeu & Filhos e Viscondessa de Indaiatuba.

INDÚSTRIA

Não é a cidade de Campinas uma cidade indus

trial, entretanto, contam-se algumas fábricas importantes tais como a de máquinas para a lavoura de Lidgerwood e da Companhia Mas Hardy, a da fundição da Viúva Faber e as serrarias de Barreto Leme e da Viúva Krug.

Possui mais vinte e cinco olarias, vinte fábricas de cerveja, uma de fogos, uma de gelo, um curtume, uma fábrica de sabão, cinco de massas, uma de chapéus e duas oficinas de carros.

COMÉRCIO

O comércio da cidade é importante e florescente.

Há em todo o município: 468 armazens de molhados, 80 botequins, 73 lojas de fazendas, 45 açougues, 27 restaurantes, 20 lojas de calçado, 16 barbearias, 13 laçoeiros, 12 alfaiatarias, 16 padarias, 11 farmácias, 10 sapatarias, 8 casas de loterias, 7 gabinetes dentários, 3 charutarias, 9 joalheiros, 2 confeitarias, 4 depósitos de madeira, uma casa de consertar instrumentos, 3 casas de câmbio, 6 seleiros, 2 casas de pianos, 3 fotografias, 11 lojas de ferragens, 2 vidraceiros, dois armadores, um florista, um depósito de carvão, 5 agências de bancos, 6 tipografias, 9 armarinhos, 2 depósitos de lenha, 2 marcenarias, 9 casas de móveis, 10 ferrarias, 4 armeiros, um serralheiro, 4 serrarias, 5 hotéis, 5 bilhares, 4 refinações de açúcar, 2 colchoeiros, 2 marmoristas, 3 relojoeiros, 7 lojas de chapéus, 4 de roupa feita, um retratista à óleo, 2 cocheiras de aluguel, 2 tanoarias, 3 casas de pasto, um caldeireiro, 2 livrarias, 2 lojas de louças e 9 cafés.

SOCIEDADES RECREATIVAS

Além de um Hipódromo, tem mais a cidade o

Clube Campineiro, o Clube Semanal, o mais antigo, e o Grêmio Comercial.

POPULAÇÃO

A população da cidade é de 25 a 30.000 habitantes e a do município de 90.000.

ESTRADAS DE FERRO

A Mogiana, que tem na cidade seu ponto inicial, a Paulista, o Ramal Férreo Campineiro e a Carril Funicularense.

Ao município pertencem as estações de Valinhos, Boa Vista, Rebouças, Santa Barbara, Guanabara, Anhumas, Tanquinho, Carlos Gomes, Sousa, Arraial dos Sousas, Joaquim Egidio, Cabras e Pedras.

IMPrensa

Imprimem-se na cidade os jornais: "Diário de Campinas", que conta 24 anos de existência; "Correio de Campinas", que conta 14; e, "Cidade de Campinas".

Publicou-se também a "Gazeta de Campinas", fundada pelo dr. Quirino dos Santos.

CAMPINEIROS ILUSTRES

Em Campinas nasceram Carlos Gomes, o dr. Campos Sales, o general Francisco Glicério, o dr. Francisco Quirino dos Santos e o Bispo D. João Néri.

BAIRROS

Os bairros da cidade são: Guanabara, Taquaral, Botafogo, Santa Cruz, Bonfim, Ponte Preta e Fundão; e os do município: Sousas, Valinhos, Rebouças, Capivarí, Viracopos, Atibáia, Terra Preta, Friburgo, Arrosais, Caneleiras, Ponte Alta, Descampados e Campo Redondo.

No município fica ainda o núcleo Campos Sales.

O presente texto vê-se em forma de NOTA no rodapé de fls. 46, 47 e 48 do presente livro, e refere-se à nossa cópia de fls. 33, 23a. linha, onde lê-se (1).

(1) Portaria - Atendendo à justa representação que me fizeram os moradores da freguesia das Campinas, termo da Vila de Jundiá, para que a mesma freguesia fosse criada, e ereta Vila, alegando por fundamento haver nela 2.107 pessoas, como fizeram certo pela atestação do seu respectivo pároco, entre os quais se contavam mais de 60 homens bons, capazes de ocupar os empregos públicos da Câmara, e como tais se viam obrigados a ir servir a referida Vila de Jundiá de oito, dez, doze e quatorze léguas de distância, o que lhes causava maior vexame e prejuízo, por deixarem ao desamparo as suas casas, famílias, lavouras de açúcar, em que a maior parte deles se ocupam, tendo em consideração a verdade do exposto, e a que ^{se}ereçam da mesma freguesia em Vila, é em tudo conforme as régias instruções de 26 de janeiro de 1705, e outras ordens posteriormente dirigidas aos governadores e capitães-generais desta Capitania: Hei por bem ordenar no Real nome de Sua Majestade, e por serviço da mesma Senhora ao Doutor Ouvidor geral desta cidade e Comarca, Caetano Luís de Barros Monteiro, que passando em continente à mencionada freguesia das Campinas para erigir a sua povoação em Vila, cuja se denominará - Vila de S. Carlos - levantando aí Pelourinho e assinando-lhe termo, de que mandarpa lavrar auto, o que será remetido às Câmaras Confinantes para nelas ficar registrado. E demarcará também logo lugar e terreno para os Paços do Conselho e Cadeia, procedendo a eleição dos juizes vereadores e mais oficiais da Câmara que hão de servir por confirmação minha, o primeiro ano que terá princípio em janeiro de 1798. - S. Paulo, à 16 de novembro de 1797. - Antonio Manuel de Melo Castro e Mendonça.

Auto de Ereção - Ano do Nascimento de N.

S. J. C. de 1797, aos 14 dias do mês de dezembro do dito ano nesta povoação das Campinas, Comarca da cidade de S. Paulo aonde foi vindo o Doutor Ouvidor geral e Corregedor da mesma Comarca, Caetano Luís de Barros Monteiro, comigo Escrivão de seu cargo adiante nomeado para efeito de erigir em Vila esta povoação, em consequência da Portaria do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Governador e Capitão-General desta Capitania Antonio Manuel de Melo Castro e Mendonça, datada em 16 de novembro do corrente ano retro transcrita e sendo aí com assistência do Juiz Presidente e mais oficiais da Câmara de N. S. do Destêrro de Jundiáí, Nobreza e Povo desta mesma povoação, mandou o dito Ministro apregoar em altas vozes pelo Porteiro, Salvador Vieira da Maia que se erigia esta povoação em Vila com a denominação de - Vila de S. Carlos - o que sendo satisfeito pelo dito Porteiro, houve ele dito Ministro por Ereta em Vila com a denominação de - Vila de S. Carlos - pelos fundamentos expendidos da referida Portaria, de que para constar mandou levantar este auto de Ereção que, assinou com o Juiz Presidente e oficiais da Câmara da Vila de Jundiáí. Nobreza e mais Povo que, presente se acgavam e eu Vicente Ferreira e Almeida, Escrivão da Ouvidoria Geral e Correição, o escreví. (Seguem-se as assinaturas).

Termo de Levantamento do Pelourinho e demar
cação para os Paços do Consêlho e Cadeia - E logo no mesmo dia, mês e ano, no auto de Ereção retro declarado nesta Vila de S. Carlos aonde se achava o Doutor Ouvidor geral e Corregedor da Comarca, Caetano Luís de Barros Monteiro comigo Escrivão de seu cargo adiante nomeado e sendo aí presentes os moradores desta e os oficiais da Câmara da Vila de Jundiáí: foi escolhido um terreno livre e desembaraçado de todas as partes que se acha em distância bastante da Igreja Matriz e fronteiro à mesma por parecer o melhor para nele se levantar Pelourinho e depois de apregoado pelo Porteiro em alta voz, que se levantava o Pelourinho para sinal de jurisdição, mandou o dito Ministro levantar, o qual

é de um pau de cabreúva oitavado: E aí defronte do dito Pelourinho se escolheu lugar para os Paços do Consêlho e Cadeia, ficando-se três estaças em sinal de onde há de principiar a obra e seguir para a parte da Igreja, ficando de ambos os lados desembaraçado de cada lado 40 palmos para passagem e saída do Pátio da Matriz e Praça do Pelourinho, e para constar mandou o dito Ministro, lavrar este Termo de levantamento do Pelourinho e demarcação do terreno para os Paços do Consêlho e Cadeia o qual assinou com o Juiz Presidente e oficiais da Câmara da Vila de Jundiá e mais pessoas que presentes se achavam e eu Vicente Ferreira e Almeida, Escrivão da Ouvidoria geral e Correição o escreví.